



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14271 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

LINGUAGEM, DEMOCRACIA E SUSTENTABILIDADE PARA UM PAÍS EM RECONSTRUÇÃO

Simone Batista da Silva - UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LINGUAGEM, DEMOCRACIA E SUSTENTABILIDADE PARA UM PAÍS EM RECONSTRUÇÃO

Resumo: Esta pesquisa qualitativo-interpretativa básica objetiva investigar a importância da linguagem e da formação do professor de línguas, para conter possíveis reinvestidas do autoritarismo no país e para reconstruir a democracia, articulada à sustentabilidade. Fundamenta-se nos princípios bakhtinianos e barthesianos da linguagem; nos estudos de Levitsky e Zibblatt (2018) quanto às dinâmicas de ascensão e queda de regimes democráticos; e é atravessada pelos estudos de sustentabilidade e emergência climática. O protocolo de pesquisa, inspirado em Lopes e Bulgarelli (2021), previu definição do problema, mapeamento do tema, revisão exploratória de literatura e articulação teórico-reflexiva do tema. Os resultados apontam a necessidade de investir na formação de professores de línguas para que estes se entendam como agentes da construção democrático-sustentável do país.

Palavras-chave: Linguagem e Democracia, Educação linguística, Reconstrução, Estado democrático-sustentável.

Os últimos anos significaram considerável retrocesso na trajetória democrática do Estado brasileiro, tanto no cenário diplomático e geopolítico mundial, quanto internamente e em políticas de Estado para conter a crise climática. Passada aquela fase, vivemos agora em reconstrução, resgate e consolidação da democracia após variadas tentativas de aparelhamento e enfraquecimento das instituições. A democracia depende de contínua manutenção ou corre riscos de ser derretida em eventuais tentativas de instauração de regimes autocráticos. A

vigilância e o cuidado precisam ser constantes, de geração em geração, pois as ditaduras não chegam repentinamente; elas são construídas sorrateiramente por dentro do cenário democrático (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

No caso do Brasil, a autocracia em vias de ser instalada foi impedida em tempo, mas ainda ronda ativamente o espaço nacional e o ciberespaço, à procura de qualquer oportunidade para se estabelecer. Esse período de quase-autocracia foi forjado com a linguagem. Sem tiros nem torturas físicas, as armas utilizadas para enfraquecer o diálogo, fragilizar as instituições democráticas, direcionar o voto e impedir a trajetória do estado brasileiro passavam pela linguagem: ampla divulgação de notícias-fraude com fins de desinformação; produção e disseminação de conteúdo de ódio, que provocaram dúvida e confusão; criação e manutenção de câmaras de eco discursivas; deslegitimação dos profissionais da linguagem.

Ciente dos riscos que corre a jovem democracia brasileira, este trabalho quer contribuir com duplo foco: a reconstrução da democracia sustentável pela linguagem; e a formação de professores de línguas ativos na construção, solidificação e manutenção desse novo estado democrático-sustentável. Esta investigação contribui para a Agenda 2030 da ONU, que vem enfatizando a importância da ciência básica, que oferece “novas oportunidades e métodos para o estudo da natureza e da sociedade” e “leva ao enriquecimento educacional, cultural e intelectual da humanidade, e fornece a base científica para a atividade humana” (ABC, online). Alinhada aos objetivos de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030, a pesquisa também busca atender aos ODS 4 e ODS 16 (ONU Brasil, online).

Para construir o trabalho, segui protocolo de pesquisa qualitativa analítica (LOPES; BULGARELLI, 2021) com os seguintes passos: 1) identificação e definição do problema: a democracia em risco precisa ser reconstruída articulada à emergência climática global; 2) investigação exploratória dos referenciais balizadores: a linguagem é reserva de poder e constructo de ancoragem e configuração das sociedades; 3) articulação teórico-reflexiva do tema: professores de línguas são agentes da reconstrução democrático-sustentável.

Democracias são regimes políticos cujas sutilezas podem ter impactos relevantes e duradouros: alianças aparentemente despretensiosas e atitudes presumivelmente inócuas levam, pela repetição, a um padrão que culmina na morte do regime (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Como na fábula do sapo, que não percebe o aumento gradual da temperatura da água e morre fervido, cidadãos que não se atentam aos indícios de autocracia no dia a dia, correm o risco de sofrerem a morte da democracia, frágil se abandonada à própria sorte. Levitsky e Ziblatt (2018) advertem que, sem um evento que marque a ultrapassagem dos limites, fica difícil identificar a “erosão da democracia” (p. 17) e soar os alarmes, ao mesmo tempo em que “aqueles que denunciam os abusos do governo podem ser descartados como exagerados ou falsos alarmistas” (p. 17). Como pontuam os autores, “autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência” (idem). Se estivermos esperando que a ditadura chegue em golpe, com data marcada e uma

aparição espetacular não vamos nos dar conta de que é possível viver sob um regime chamado de democrático, mas com dinâmicas autocráticas.

Metodologicamente, democracias não são regimes uniformes; pelo contrário, se distinguem entre si em vários quesitos – regras eleitorais, representações étnicas, políticas sociais, divisões administrativas etc. Semelhantemente, há diversos espectros de ditadura, que convergem em em relação ao conhecimento. Segundo Burke (2023): “para funcionar, as democracias dependem do conhecimento dos seus cidadãos, enquanto as ditaduras dependem da ignorância do povo” (BURKE, 2023, online 9’36”). A produção de conhecimento é crucial para o funcionamento do Estado democrático, ao passo que a ignorância pode pô-lo em risco. É nesse ponto que as escolas, produtoras de conhecimento, e os professores de línguas, pedagogos da palavra, exercem papéis importantes no trajeto democrático. Se, para ter sucesso, ditaduras precisam do controle dos saberes e da produção da ignorância, não se pode pensar que democracias sejam entidades estáveis; não são, e dependem de transparência para seguirem sendo coletivamente aprimoradas. E professores podem contribuir tanto para robustecer a democracia quanto para enfraquecê-la, a partir da práxis, do currículo e das escolhas teórico-metodológicas.

A dinâmica sociocomunicativa mudou profundamente tanto ética quanto esteticamente: a inteligência artificial tornou-se constante nas relações sociais, e as consequências da ação humana moderna no planeta se revelaram questões urgentes. Assim, às pedagogias de letramentos cabe a missão inadiável de promover a articulação delicada entre a espécie bípede que produz tecnologias de informação e comunicação e as outras espécies vivas que produzem vida para o planeta. O ensino de leitura e escrita passou a envolver mais que a aprendizagem de um código e mobilização de habilidades de usá-lo para decifrar textos escolares. Quase todas as atividades do cotidiano contam com as redes sociais e seus fluxos contínuos de informação e desinformação, evidenciando que trabalhar com linguagem hoje passa também pelas redes sociais. As práticas comunicativas contemporâneas demandam práticas outras de leitura, e múltiplas habilidades de produção de sentidos. O vasto alcance de mentiras e desinformação, a rápida proliferação de vídeos curtos e editados, a questão dos direitos autorais, os problemas de veracidade e fidedignidade, fizeram surgir temas caros para a educação linguística comprometida com a democracia, a equidade, a justiça social e ambiental.

Ensinar línguas hoje envolve produzir e consumir conteúdo, e sinaliza a necessidade de trazer para as aulas imagens, emojis, literatura, cinema, teatro, rede social, e inteligência artificial, para debater as implicações de nossas escolhas estéticas nos resultados éticos dos discursos que produzimos e consumimos. Segundo Bakhtin (2006) é a linguagem que organiza e determina os pensamentos dos agentes semióticos de uma sociedade. Logo, (re)construir o Estado democrático-sustentável vai passar, obrigatoriamente, pela reconfiguração discursiva das interações sociocomunicativas. Barthes (2013) reconhece que “língua e discurso são indivisos, pois eles deslizam segundo o mesmo eixo de poder” (p. 32), e, por isso, o autor compreende a possibilidade de mudança da sociedade pela língua, visto

que esta é uma reserva de poder (BARTHES, 2013). Assim, demanda-se da prática pedagógica de letramentos, que inclua tecnologias de informação e comunicação, uso incisivo de inteligência artificial, defesa da democracia, articulados ao diligente cuidado com a terra, planeta que nos acolhe e sustenta.

Share e Thoman (2007) reconhecem a necessidade de métodos e abordagens pedagógicas que articulem letramento crítico contemporâneo com objetivos de desenvolvimento sustentável – OSD. No entanto, não parece ser esse o foco nas licenciaturas em Letras e Pedagogia, que acabam por ficar descoladas da agenda ambiental-democrática, restritas a conteúdos gramático-estruturais, e, muitas vezes, a um conjunto de textos usados somente no ambiente acadêmico. Desse modo, os currículos de formação de professores de línguas não preparam, efetivamente, os profissionais em formação para lidar criticamente com a comunicação multissemiótica, tampouco para ensinar seus futuros alunos a interagir ética e criticamente nas múltiplas relações sociocomunicativas com vistas à sociedade democrática e sustentável.

Desde o início do século, pesquisadores dos letramentos no mundo já se atentavam para as novas formas de produção, consumo de conteúdo e construção da realidade (LUKE, 2007). No Brasil, há mais de uma década, pesquisas do Projeto Nacional de Letramentos – USP, em todas as regiões (TAKAKI, 2012; MONTE MOR, 2017; MENEZES DE SOUZA, 2017), também mostram a mudança radical na comunicação. Alterações nas dinâmicas sociocomunicativas demandam ajustes no trabalho pedagógico para uma educação linguística ocupada com produção e consumo crítico de conteúdo nas mais diversas superfícies de registro e mídias disponíveis. A leitura e a escrita contemporâneas incluem aprimoramento de habilidades para gerar conteúdos escritos ou em vídeos, e o aperfeiçoamento da capacidade de produzir sentidos, reconhecendo a língua como prática social e construção das realidades (MENEZES DE SOUZA, 2017).

Não basta saber, por exemplo, identificar os grafemas da palavra *água* ou saber decorada sua fórmula química, é preciso entender a importância da água para a vida, compreender as consequências da sua contaminação, perceber as implicações socioeconômicas que permitem a uns, e não a outros, o acesso à água potável e saneamento básico. Além de identificar o signo polifônico e dialógico (BAKHTIN, 2006), a leitura crítica para uma sociedade democrático-sustentável demanda produção de sentidos: a habilidade de reconhecer as implicações das palavras na vida prática, suas ligações com o cotidiano e sua capilaridade em atingir outros contextos e sujeitos. Permitir ao aluno produzir sentidos sobre a palavra que aprende a decodificar numa plataforma de suporte – seja impressa, analógica ou digital – é ensinar a participar ativa, crítica e eticamente do jogo comunicativo na sociedade contemporânea.

Os complexos elementos subjacentes às informações que circulam na sociedade são sonegados: história, política, economia, e o papel da linguagem nas relações de poder (SHARE; THOMAN, 2007). Segundo os autores, “abaixo da superfície estão injustiças

sociais como racismo, sexismo, homofobia e outras formas de opressão que são mais evidentes para aqueles que sofrem sua influência negativa, mas menos visíveis ou de menor interesse para aqueles em posições dominantes de poder e privilégio” (p. 20).

Novas interações demandam novas estratégias de leitura crítica: por exemplo, o gênero *short* – excerto de um *podcast* – demanda habilidades novas para a produção de sentidos. Não se trata de uma relação simples entre quem fala e quem ouve; há outros atores semióticos envolvidos: quem fala, quem ouve, quem grava, quem edita, quem envia. Para produzir sentidos, é preciso reconhecer que o *short* se liga a um todo maior, e que o contexto e a intencionalidade e posições axiológicas dos atores semióticos envolvidos cooperam os sentidos. Assim também, mais que saber ler o nome de um candidato na tela da urna eletrônica, produzir sentidos é compreender que ao escolher um candidato, escolhe-se um conjunto ideológico – seu partido; um conjunto de relações de poder – seu cargo e as intrínsecas limitações; um pacote ético – suas propostas e projetos.

A linguagem tem relevância nos rumos políticos, econômicos e sociais do país. Na sociedade da informação, o mais valioso capital, com mais alta liquidez e poder de compra é justamente a linguagem. A dinâmica comunicativa volátil e fragmentada da sociedade da informação se tornou um cenário propício à fabricação de reservas de poder, e os mentores autocratas sabem disso muito bem. Esse cenário, todavia, tem ficado apartado das aulas de línguas. Para forjar a nova sociedade – ética, crítica, responsável, comprometida com valores democráticos, justiça social e ambiental – é preciso investir no aprimoramento de competências linguísticas, habilidades comunicativas e tecnológicas para atuar crítica e eticamente nesse cenário comunicativo para construir um Estado democrático-sustentável.

REFERÊNCIAS

ABC. Academia Brasileira de Ciências. **Pesquisa Básica: a raiz da ciência**. Disponível em <http://www.abc.org.br/nacional/projeto-de-ciencia-para-o-brasil/pesquisa-basica-a-raiz-da-ciencia/> (acesso em 11-04-2023)

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2013.

BURKE, P. **Conhecimento democrático e ignorância democrática**. Palestra. São Paulo: ANPG/SBPC, 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yPk88cN5Vng&t=54s> (acesso em 14-04-2023)

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LOPES, L. G. O.; BULGARELLI, A. F. **Aprendendo com a construção de um protocolo de rigor metodológico em pesquisa qualitativa: relato de experiência**. In Saberes Plurais. UFRGS. v. 5, n. 2, p. 39-50, ago/dez 2021

LUKE, C. **As Seen on TV or Was that My Phone? New Media Literacy**. In Policy Futures

in Education. Vol. 5, No. 1. 2007. p 50–58.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. **Multiliteracies and Transcultural education.** In GARCÍA, O.; FLORES, N.; SPOTTI, M. (Eds.). The Oxford Handbook of Language and Society. New York: OUP, 2017

MONTE MOR, W. **Sociedade da escrita e sociedade digital: línguas e linguagens em revisão.** In TAKAKI, Nara H.; MONTE MOR, W. (Orgs.). Construções de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens. Campinas, SP: Pontes, 2017

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de desenvolvimento sustentável.** Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> (acesso em 14-04-2023)

SHARE, Jeff; THOMAN, Elizabeth. **Teaching democracy: a media literacy approach.** Los Angeles: National Center for Preservation of Democracy, 2007.

TAKAKI, Nara Hiroko. **Letramentos na sociedade digital: navegar é e não é preciso.** Jundiaí, SP: Paco, 2012.